

Economistas revêem as projeções para este ano

Sandra Nascimento e
Vera Saavedra Durão
de São Paulo e do Rio

O ligeiro crescimento do Produto Interno Bruto (PIB) apresentado ontem pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) — 0,93% para o segundo trimestre sobre o primeiro — fez com que economistas revissem suas projeções para o final do ano. As expectativas agora giram em torno de -0,4% a 0,3%, ante a previsões que chegaram a anunciar uma queda de até 1%.

O economista-chefe do Banco Santander, Dany Rappaport, anunciou intenção de rever sua previsão de queda de 0,7% do PIB para este ano, para uma taxa positiva de até 0,03%.

“Esperava um desempenho pior da economia. Mas não acredito que há o que comemorar, pois são quase três anos sem crescimento econômico”, declarou. Rappaport não vê saída rápida para esta situação, mas considera possível um crescimento de 3% no PIB do próximo ano.

A economista do BCN/Alliance, Ana Cristina Gonçalves da Costa, também irá rever seus números. “A previsão anterior era zero, agora poderemos ficar entre 0,2% a 0,3%”. Sua expectativa para o primeiro semestre era uma queda de 0,65%, pouco maior do que os 0,42% anunciado pelo IBGE.

Para Ana Cristina, “esse resultado mostra um movimento de recuperação e aumenta a possibilidade de ter um número positivo para o ano”.

O PIB do segundo trimestre recuou menos do que previa a LCA Consultores que, ao rever seus números, aposta agora num PIB negativo de 0,4% para o ano, ante a queda esperada de 0,8%. O motivo para a revisão está, segundo a consultoria, nas novas previsões para o PIB de serviços — peso de 57% no PIB total — e que vem se

mantendo estável. A consultoria ressalva, no entanto, que o cálculo do PIB de serviços é problemático em função de os subsetores de administração pública e aluguéis serem mensurados com base em variáveis.

A tendência de os juros continuarem a cair será um dos principais pilares para a manutenção do PIB positivo até o final do ano na avaliação de Ana Cristina do BCN/Alliance. “A queda de juros primários

mostra que se está num ambiente de recuperação”.

Segundo ela, o aumento das tarifas públicas praticado pelo governo federal deverá reduzir o fôlego da indústria, mas não o seu movimento de recuperação. O setor, no entanto, deverá fechar o ano com resultado negativo, já que a reação sai de um patamar

muito baixo — no semestre, -3,54%.

Para a LCA, o resultado do PIB no segundo trimestre deste ano confirmou o cenário de retração industrial bem menos pronunciada do que se previa no início do ano.

Camila de Faria Lima, economista que trabalha com Rappaport, disse que o que a surpreendeu mais nos novos números do IBGE foi o comportamento da indústria. “No primeiro trimestre o resultado ficou muito acima do que se esperava”.

Ela acredita que uma revisão da projeção do PIB do Santander para este ano, de uma queda de 0,7% para uma taxa positiva entre zero a 0,03% esteja ancorada principalmente no desempenho da indústria.

Num cálculo preliminar, Camila avalia que a indústria poderá ter uma queda menor de 2,5% e não de 3,6% como vinha estimando.

Também o setor de serviço poderá ter desempenho positivo e não negativo de 0,1% como era sua previsão. A agropecuária poderá ter um

desempenho mais favorável que os 4,3% que ela havia projetado inicialmente.

Para a LCA, os vetores de retomada do crescimento ainda estão muito frágeis, sendo que o principal deles, a redução dos juros de 4,5% ao ano para 19,5%, traz uma alívio parcial, pois esse nível de juros ainda é bem elevado.

No cenário para o próximo ano, segundo avaliação de Rappaport, como não há melhora na situação fiscal do País, a esperança é que o aumento das exportações possa liderar a melhora da credibilidade do Brasil lá fora.

Já Ana Cristina preocupa-se com a inflação do ano 2000. Caso os preços venham a subir, num primeiro momento o PIB deve acompanhar esse movimento — é uma tendência dos agentes econômicos protegerem-se em ativo real — o que, no entanto, não deverá se manter no longo prazo, revertendo a curva de crescimento.

As expectativas agora giram em torno de (0,4%) a 0,3%, ante a previsões que chegaram a anunciar uma queda de até 1%